

“A mão que embala o berço”: as mulheres e o SARS-CoV-2

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.25.6>

Ana Maria Brandão

Ana Maria Brandão (ORCID: [0000-0001-6594-1563](https://orcid.org/0000-0001-6594-1563)) é Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais - Polo da Universidade do Minho (CICS.NOVA.UMinho). Socióloga, as suas áreas principais de interesse são os fenómenos identitários, a sexualidade e a sua interseção com o género, assim como as metodologias qualitativas de investigação social.

For the hand that rocks the cradle

Is the hand that rules the world.

(William Ross Wallace, *The Hand that Rocks the Cradle*, 1865)

Publicado pela primeira vez em 1865, o poema do norte-americano William Ross Wallace que dá título a esta reflexão é um elogio à maternidade enquanto força motriz do mundo. Muito haveria a dizer sobre a duradoura associação das mulheres à maternidade e mais ainda sobre o verso que conclui o refrão, pois, não sendo evidente que as mulheres governem o mundo, continuam a ser sobretudo elas a embalar o berço.

Em 2018, as mulheres eram, em todo o mundo, as principais responsáveis pelos cuidados informais e pelo trabalho doméstico não pago (três vezes mais do que os homens) e compunham cerca de 2/3 da força de trabalho do setor dos cuidados formais, incluindo este a educação, os serviços de saúde e o serviço social (U.N. Women, 2020). Nos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico, esse valor ascendia aos 90% (OECD, 2020, p. 3). Como seria de esperar, os dados revelam disparidades, mas, mesmo nos países mais ricos, a redução do hiato de género no que respeita especificamente ao trabalho (doméstico, de cuidado) não pago não se deve ao facto de os homens estarem a assumir de forma equitativa a sua parte, mas sobretudo à presença da “tecnologia doméstica moderna” e à contratação de outras mulheres para realizar esse trabalho (U.N. Women, 2020, p. 147).

Quando, na sequência da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, em Portugal, foi decretado o estado de emergência e imposto o dever de recolhimento, uma parte significativa desse trabalho deixou de poder ser delegada ou contratada. O encerramento de creches, infantários, escolas e universidades e a entrada no regime de teletrabalho acrescentou às usuais responsabilidades das mulheres no espaço doméstico o papel de instrutoras. Este inesperado acréscimo de trabalho terá sido também sentido por muitas adolescentes e jovens em idade escolar, chamadas a partilhar o fardo. Nos países mais pobres, a situação agrava o risco de abandono escolar precoce de adolescentes e jovens, compromete o seu futuro e ameaça reverter as conquistas obtidas nas últimas décadas a esse nível (U.N. Women, 2020, p. 14-15).

O que significa ser mulher e viver os efeitos da pandemia? Em que medida se alteraram os nossos quotidianos? As respostas não são lineares porque as mulheres não são todas iguais, não possuem todas os mesmos recursos e não estão todas sujeitas às mesmas condições de vida. Por isso, este texto, que assenta mais nessa espécie de “vadiar sociológico”, que converte “o quotidiano em permanente surpresa” (Pais, 1993, p. 106), do que numa análise estritamente obediente aos cânones académicos, não pode deixar de refletir a minha própria posição e a das mulheres que conheço e que me são mais próximas. É, nesse sentido, um olhar interessado, mas não ignora a existência de outros mundos - os das mulheres não académicas, das não ocidentais, das não caucasianas, das não heterossexuais, daquelas a quem escapa a oportunidade de viver numa realidade distante da indigência generalizada.

DA CRISE COMO SUSPENSÃO E DO HUMOR COMO SUPERAÇÃO

“De um dia para o outro, o mundo mudou! Que é isto?!...” - Estas são as palavras de uma colega, incluídas numa mensagem de correio eletrónico que recebi poucos dias após a suspensão das atividades na Universidade do Minho. Traduzem estupefação, mas, sobretudo, ilustram a interferência da razão na sequência habitual dos eventos (Schütz, 1964). Sob vários aspetos, o impacto do SARS-CoV-2 é comparável a um desses “momentos críticos” (Giddens, 1997), “acontecimentos imprevistos” (Dubar, 2000) ou “pontos de viragem” (Strauss, 2002) que cortam o curso da *durée*, produzindo perdas materiais, perturbações nas relações com os/as outros/as e connosco e mudanças na subjetividade (Dubar, 2000, p. 167). Nesses momentos, somos obrigados/as a parar, a refletir sobre o que nos está a acontecer, sobre como chegámos aqui. Aquilo que tomámos como adquirido torna-se problemático, exige ponderação. As respostas e as condutas deixam de ser automáticas, passam a ser sopesadas.

Esse súbito encolhimento do mundo e a viragem sobre nós próprios/as tiveram uma primeira consequência particularmente interessante: uma extraordinária explosão de criatividade cómica, agora forçosamente mediada pela tecnologia e recorrendo a uma multiplicidade de suportes¹! Sobretudo durante as primeiras semanas de confinamento,

¹ Veja-se, a propósito, a análise de Stefani (2020) de publicações no *Facebook* para o caso da Roménia.

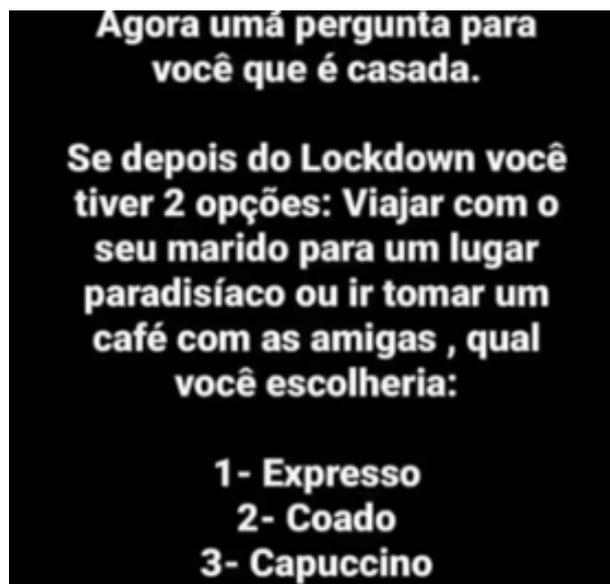
cidadãs/ãos anónimas/os desmultiplicaram-se na produção e disseminação de *memes* que tinham em comum, explícita ou implicitamente, o SARS-CoV-2. E alguns deles são particularmente reveladores dos efeitos da pandemia no quotidiano das mulheres.

Ora, “o humor é uma maneira de verbalizar o que é difícil de dizer de uma forma viável e admissível”, incluindo não só “sentimentos, expressões, pensamentos e sentimentos que pode ser considerado inapropriado exprimir em contextos sociais, mas também estados afetivos negativos” (Parkhill, Henwood, Pidgeon, & Simmons, 2011, p. 329-330). O humor serve, entre outras coisas, para atenuar a ansiedade e ajudar a viver com as dificuldades e com o risco, rompendo com os limites do que é socialmente aceitável e escapando, ao mesmo tempo, à censura social (Goldstein, 1976; Meyer, 2000; Parkhill *et al.*, 2011). Por outras palavras, ele permite dizer em segurança o que, de outro modo, poderia ter consequências pessoais e sociais desagradáveis.

Não por acaso, a representação da mulher imbuída do mítico “instinto” maternal, sempre disponível para atender às necessidades dos/as outros/as, em geral, e dos/as filhos/as, em particular, foi um dos primeiros alvos dessa criatividade, de que são exemplo as três imagens que se seguem. Em todas elas, os/as filhos/as são retratados/as, no mínimo, como uma interferência indesejada seja no tempo de repouso (Figura 1), seja na atividade profissional (figuras 2 e 3), e, nas figuras 1 e 2, surgem manietados/as de modos que seriam considerados social e moralmente inadmissíveis fora do contexto humorístico.



Figuras 1 e 2.



Figuras 3 e 4.

A Figura 1 é particularmente desafiadora. Além de a ingestão de álcool poder ser lida como uma contravenção da feminilidade normativa, a presença dos chinelos e a pose confortável e sorridente da cuidadora (presume-se, a mãe) é também uma reclamação do direito individual ao ócio, do tempo para si. Nas figuras 2 e 3, a alusão à transição para o teletrabalho denuncia aquilo que já era uma realidade para muitas mulheres - a célebre “dupla jornada de trabalho” e as sobejamente conhecidas dificuldades de conciliação entre vida familiar e vida profissional, agora agravada pela fusão dos espaços onde habitualmente se desenrolavam. A sugestão implícita da ausência de uma partilha equilibrada das responsabilidades pelo trabalho doméstico e de cuidado, patente na pequena nota presente no canto inferior direito da imagem 3 - “Pergunta ao pai” -, parecendo um pormenor, permite acrescentar a esta leitura uma outra, reforçada pelo sinal de proibição de entrada: a persistência da ideia de que a atividade profissional das mulheres é, essencialmente, um complemento à dos homens, não tão relevante ou exigente como a destes e/ou passível de ser mais fácil e inocuamente interrompida para atender às necessidades de terceiros/as. E é esta mesma ideia que explica por que é que, como muitos/as de nós terão reparado, no decurso das atividades letivas a distância, assistimos à intromissão de terceiros nos espaços onde decorriam, invariavelmente nos casos em que eram elas as recetoras.

Não será, portanto, surpreendente que, na sequência do abrandamento das medidas de confinamento, as expressões de humor, *memes* incluídos, tenham passado a retratar um certo alívio pela pequena margem de liberdade readquirida. A este propósito, confesso aqui ter usado o *meme* presente na figura 4 para realizar uma espécie de sondagem entre amigas e familiares próximas.

As respostas variaram das mais sóbrias, que se limitavam a indicar o número da resposta, às mais expansivas (e.g., “Na *mouche*, qualquer um, duplo”...), mas apenas num caso a preferência recaiu na viagem “porque não bebo café”. Estes *memes* - e muitos outros - revelam, explícita ou implicitamente, uma certa consciência da situação desfavorável em que muitas mulheres se viram/veem e a sua denúncia. Nem por isso constituem, contudo, atos de resistência, como avisa Speier (1998, p. 1392-1393) - eles assemelham-se mais ao “riso dos impotentes”, obtido através da ridicularização de si e demonstrativo da própria subjugação a uma ordem a que não conseguem, não podem escapar.

Mas o humor é também cultural e socialmente variável. Estes *memes* retratam a realidade das mulheres que puderam manter os seus empregos e continuar a desenvolver a sua atividade profissional a distância. O teletrabalho é apanágio de uma minoria. Para muitos/as, o SARS-CoV-2 representou, como sublinha Mayo (2020, p. 372), uma escolha diferente: exposição ou perecimento. Nenhum dos *memes* que obtive se referia à realidade das mulheres que perderam os seus empregos, das que não têm acesso a um computador ou sabem, sequer, usá-lo, das que não puderam recolher-se em casa porque disso dependia a sobrevivência - sua e de terceiros/as. E esse apagamento é ainda mais visível quando contrastado com os casos de um “Zé João” ou de um “Wilson”, protagonistas das figuras que se seguem, por mais raras que estas também sejam.



This is Wilson. He is now working from home 😊



Figuras 5 e 6.

A ausência gritante das mulheres mais desfavorecidas dos *memes* em circulação é, talvez, um dos sinais mais evidentes de que a propalada igualdade de género pode estar bem distante da sua realidade quotidiana. O humor é, por isso, e ao contrário do que possa parecer à primeira vista, um assunto muito sério não só por aquilo que revela, mas também por aquilo que encobre.

A (NÃO TÃO CÓMICA) FACE DOS FACTOS

Como em várias outras áreas, é ainda cedo para tirar conclusões definitivas acerca dos efeitos do SARS-CoV-2 nas relações sociais de género. Ela pode revelar-se o impulso necessário à construção de uma sociedade mais justa e igualitária, como esperam os/as mais otimistas (Alon, Doepke, Olmstead-Rumsey, & Tertilt, 2020), ou, pelo contrário, agravar as desigualdades e as injustiças. Nos domínios familiar e íntimo, ela pode vir a resultar numa aproximação entre homens e mulheres e numa divisão mais equilibrada de responsabilidades, trazer apenas mudanças voláteis, envolvendo uns e outras aos “seus” lugares uma vez ultrapassada a ameaça, ou acentuar o seu afastamento.

Os dados de Carlson, Petts e Pepin (2020) para o caso norte-americano sugerem um acréscimo generalizado do tempo despendido por casais heterossexuais com a realização das tarefas domésticas e de cuidado na sequência da pandemia, mas também padrões de partilha *mais* igualitários. Também no caso das Maldivas, os dados recolhidos sugerem que os homens passaram a estar mais disponíveis para a partilha dessas tarefas (Valero & Tinonin, 2020). No entanto, a tendência não só não eliminou as desigualdades de género a esse nível, como também não está isenta de paradoxos. Assentando este tipo de estudos essencialmente nas perceções dos próprios/as inquiridos/as, em geral, verifica-se que os homens acreditam que despendem mais tempo com essas tarefas do que aquilo que as mulheres afirmam que eles despendem, uma discordância que desaparece quando se trata de reconhecer o acréscimo de trabalho destas (Perista, Cardoso, Brázia, Abrantes *et al.*, 2016).

Entretanto, um estudo longitudinal realizado no Reino Unido mostra um claro agravamento do hiato de género na partilha das responsabilidades domésticas e de cuidado com filhos/as menores em desfavor das mulheres (Zhou, Hertog, Kolpashnikova, & Kan, 2020). Eram também estas a registar um declínio mais evidente dos níveis de bem-estar durante o confinamento e a apresentar maior vulnerabilidade ao desemprego e ao trabalho a tempo parcial, com o conseqüente risco de perda de rendimentos, situações agravadas no caso dos agregados monoparentais, eles próprios maioritariamente encabeçados por mulheres.

Em Portugal, os dados do inquérito realizado pelo Laboratório Colaborativo para o Trabalho, Emprego e Proteção Social (CoLABOR), entre 25 e 29 de março de 2020, também apontavam para a reprodução das assimetrias de género no que respeita à divisão das tarefas domésticas e de cuidado e um agravamento das dificuldades de gestão do tempo, especialmente entre aqueles - mas, sobretudo, entre aquelas - que passaram ao regime de teletrabalho e que tinham filhos/as dependentes (Silva, Carmo, Cantante, Cruz *et al.*, 2020). Também a primeira parte da sondagem *COVID-19 e os Portugueses*, realizada, entre 6 e 9 de abril, pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião (CESOP) da Universidade Católica Portuguesa, mostrava que as mulheres inquiridas reportavam mais estados de ansiedade, tristeza e medo do que os homens (Reis, 2020). Estes resultados são compatíveis com o estudo de Antunes, Frontini, Amaro,

Salvador *et al.* (2020), que revela uma autoavaliação da eficiência/competência na interação com o ambiente significativamente mais baixa e estados de maior ansiedade entre as mulheres analisadas. A frequentemente celebrada capacidade das mulheres de assegurar múltiplas tarefas em simultâneo não é, portanto, facilmente alcançada, nem está isenta de prejuízos ao nível da sua saúde física e mental.

Note-se, de resto, que a segunda parte da sondagem *COVID-19 e os Portugueses*, realizada entre os dias 6 e 11 de maio, mostrava um sentimento de degradação da saúde mental dos/as portugueses/as face ao período anterior, novamente com valores mais elevados entre as mulheres, e que eram também sobretudo estas que se encontravam em situação de assistência à família, em *layoff*, desempregadas e sem atividade (Pimenta, 2020a). Mas embora algumas destas situações se possam ter agravado - e vir ainda a agravar - na sequência da pandemia, é necessário recordar que as mulheres apresentam, geralmente, taxas de emprego, desemprego e inatividade superiores às dos homens². De facto, comparando os meses de maio de 2019 e 2020, os resultados ainda provisórios do Instituto Nacional de Estatística (2020) apontam para uma redução das taxas de emprego e desemprego das mulheres inferior à dos homens (2,7% e 1,6%, respetivamente, face a 3,1% e 2,5%, respetivamente). No que respeita às taxas de inatividade, porém, o cenário inverte-se, registando-se um aumento mais acentuado entre as mulheres comparativamente aos homens (3,9% face a 3,1%) (Instituto Nacional de Estatística, 2020)³.

Entre as mulheres mais escolarizadas, com qualificações mais elevadas e atividades não manuais que puderam passar ao regime de teletrabalho, encontram-se as académicas. E a despeito da sua posição relativamente privilegiada comparativamente à maioria das mulheres, não será também por acaso que surgem já sub-representadas na autoria de publicações sobre o SARS-CoV-2 (Bhagat, 2020; Pinho-Gomes, Peters, Thompson, Hockham *et al.*, 2020). Isto pode representar não só uma perda no

2 Assim, as taxas de emprego de mulheres e homens eram, em maio de 2019, de 58,8% e 66,1%, respetivamente; as taxas de desemprego de 7,1% e 6,1%, respetivamente; e as taxas de inatividade de 36,7% e 29,6%, respetivamente (Instituto Nacional de Estatística, 2020).

3 Valores ajustados de sazonalidade, ainda baseados em estimativas provisórias para o mês de maio de 2020 (cf. Instituto Nacional de Estatística, 2020).

volume total do conhecimento produzido acerca da pandemia, mas também no conhecimento da forma como se intersecta com o género, na medida em que as investigadoras tendem a ser mais sensíveis à interferência desta variável nos fenómenos que analisam.

A tendência não é nova, mas há razões para crer que o cenário se agrave, especialmente atendendo à crescente precarização da carreira académica (Mayo, 2020; Malisch *et al.*, 2020). Também elas tiveram que assumir a sua quota parte adicional de trabalho não pago, reduzindo o tempo disponível para a investigação ou, em alternativa, o já escasso tempo de repouso. Se a isto somarmos o facto de a carreira académica não gozar da mesma proteção legal em todos os países - estando, em muitos casos, dependente de uma “produtividade” medida preponderantemente por indicadores ligados à vertente da investigação - e a tendência para lhe agregar novas funções e responsabilidades, é previsível que também a esse nível as assimetrias de género se venham acentuar⁴.

Outro efeito adicional do SARS-CoV-2 é o aumento da vitimação violenta. As mulheres são, em todo o mundo, as principais vítimas de violência física e sexual (World Health Organization, Department of Reproductive Health and Research, London School of Hygiene and Tropical Medicine, & South African Medical Research Council, 2013). Na sequência do confinamento, muitas delas viram-se enclausuradas com os seus agressores e sob a vigilância constante destes, dificultando as oportunidades de denúncia e de procura de auxílio. Com o encerramento de muitos serviços de apoio e a necessidade de profissionais de saúde e polícias, entre outros, de dar resposta a outras solicitações urgentes, no início de abril, dados preliminares globais sugeriam não só um aumento generalizado do número de casos de violência contra mulheres, mas também uma alteração dos seus padrões, que passaram a incluir a ameaça de recurso à exposição ao SARS-CoV-2 (U.N. Women, 2020). Em países tão diferentes como Argentina, França, Austrália, Singapura ou Chipre, os pedidos de apoio tinham aumentado, pelo menos, 25% a 33%. Em Portugal, depois de um pequeno período em que os/as otimistas teorizavam acerca da diminuição do fenómeno (Pereira, 2020), começa-se a ter a perceção clara de uma realidade bem mais crua: os pedidos de ajuda por via telefónica

⁴ Sobre este assunto, veja-se, no caso português, a chamada de atenção da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (2020).

ou digital terão duplicado em relação ao período de confinamento e aumentado 180% face ao primeiro trimestre de 2019, além de se terem agudizado em 70% dos casos preexistentes (Pimenta, 2020b).

Os estudos sobre a relação entre o SARS-CoV-2 e género são ainda escassos, baseando-se em metodologias distintas, manipulando variáveis diversas, recorrendo a amostras com composição e representatividade diferentes e, por isso mesmo, não inteiramente comparáveis. Há, também, que contar com a necessária distância entre a ocorrência de um fenómeno e a sua inscrição estatística. Como sublinhou Nico (2020, p. 7), tirar conclusões sustentadas exige tempo, mas, entretanto, é preciso “registar, registar, registrar” e usar a inquietação que sentimos. Uma inquietação acompanhada, em surdina, por avisos acerca dos efeitos desiguais que a pandemia terá nas mulheres e nos homens.

DAS METÁFORAS BÉLICAS E DA GOVERNAÇÃO DO MUNDO

A reconhecidamente tardia resposta da generalidade dos/as líderes políticos/as mundiais ao SARS-CoV-2 e a linguagem adotada para mobilizar as populações levanta, também ela, questões que se ligam de perto às desigualdades sociais, incluindo as de género. Desde logo, o recurso mais ou menos generalizado a metáforas bélicas tem sido acompanhado de sinais de alarme largamente ignorados no meio do clima de pânico e ansiedade que se instalou, sobretudo durante as fases iniciais da pandemia, claramente agravado pelo tratamento dado por boa parte da comunicação social ao assunto⁵.

A comparação do vírus a um “inimigo invisível”, das estratégias de controlo da infeção a uma “guerra” e das suas etapas a “batalhas”, ou a elevação de certas categorias sociais à posição de “heróis” foi também a estratégia adotada pelo Presidente da República Portuguesa no sentido de garantir a adesão dos/as cidadãos/ãs às

⁵ Sublinhe-se, a propósito, a presença constante, na maioria dos canais televisivos portugueses, de uma espécie de “contador de mortes”, especialmente durante o período de confinamento, ou a criação de aplicações de telemóvel desenhadas para acompanhar, a par e passo, o número de óbitos por país, como se disso dependesse a própria sobrevivência individual.

recomendações sanitárias e às restrições impostas⁶. O recurso a metáforas bélicas, parecendo trazer vantagens no imediato pelo apelo essencialmente emocional à união de forças, não é inócuo, nem isento de riscos e há quem discuta a sua adequação à situação que vivemos (Connolly, 2020; Martinez-Brawley, & Gualda, 2020; Petriglieri, 2020; Varma, 2020; Wagener, 2020). Se considerarmos que a guerra é, na sua forma mais elementar, uma forma de “violência coletiva organizada e em larga escala envolvendo pelo menos dois protagonistas” (Hutchings, 2008, p. 402), é legítimo perguntar se a violência é a melhor resposta a uma doença e se um vírus pode, realmente, ser considerado um desses protagonistas.

Um dos efeitos pretendidos da linguagem da guerra é facilitar a aquiescência dos/as cidadãos/ãs à suspensão dos sempre frágeis direitos, liberdades e garantias democráticos. Coadjuvada por derivas totalitárias e nacionalistas emergentes um pouco por toda a parte, que encontraram no clima gerado pela pandemia condições favoráveis de consolidação mais ou menos subreptícia, o recurso a uma linguagem bélica abriu, em muitos casos, uma oportunidade para responsabilizar os mais frágeis por todos os infortúnios (Human Rights Watch, 2020). A guerra assenta numa dicotomia que suprime complexidades éticas, estabelecendo uma fronteira clara entre os bons (nós) e os maus (os outros) e lançando um véu de suspeição sobre críticos e inconformistas (Wagener, 2020, p. 1).

Como qualquer soldado saberá, “o inimigo” tem de ser desumanizado para poder ser eliminado. Rapidamente, portanto, ele se materializou na China e nos/as chineses/as. Depois, na Itália e nos/as italianos/as, em contraste com o “milagre” português - epíteto que, por si só, subtilmente evoca a distinção Norte/ Sul. E continuará a seguir o curso de propagação da infeção, desviando convenientemente o olhar daquilo que é um problema do modelo de desenvolvimento que escolhemos (Bessa Ribeiro, Leite, & Felizes, 2020).

Internamente a cada país, Portugal incluído, assistimos ao mesmo processo, à mesma leitura linear, parcial e injusta que separa bons/boas de maus/más,

⁶ Quando da declaração inicial do estado de emergência, a palavra “guerra/s” surge cinco vezes no discurso de Marcelo Rebelo de Sousa à nação (cf. Presidência da República Portuguesa, 2020).

cumpridores/as de incumpridores/as, enfim, os/as que não “merecem” dos/as que “merecem” castigo: os/as velhos/as e, depois, os/as jovens; os/as do Norte e, depois, os/a do Sul; os/as que continuaram a trabalhar e a circular fora de casa, como se fossem inteiramente distintos/as daqueles/as que, por terem que fazer o mesmo, foram erigidos/as a “heróis” da “linha da frente”; os/as pobres e, depois, os/as ricos/as; a maioria das minorias étnicas; os/as cidadãos/ãs nacionais dos imigrantes. As categorias são inconstantes porque uma guerra precisa de um inimigo real e visível. E esta não o tem.

Mas as metáforas bélicas também nos relembram de quem, realmente, governa o mundo. As chefes de Estado continuam a ser uma minoria: em junho de 2020, dos 193 estados-membros da Organização das Nações Unidas, apenas 14 (cerca de 7%) eram encabeçados por mulheres (Statista, 2020). E, como sublinha Hutchings (2020), guerra e masculinidade - especialmente, masculinidade hegemónica - estão ligadas através de um conjunto de aspetos comuns. A linguagem da guerra traduz “a dependência de ambas da capacidade de enquadrar o mundo de uma certa forma” (p. 402), que, por sinal, parece ter deixado rapidamente de fazer sentido face à evolução da pandemia.

Como notam Martinez-Brawley e Gualda (2020, p. 268), “quando a situação se tornou grave e o número de vítimas aumentou exponencialmente, a metáfora da guerra tornou-se menos mobilizadora e a linguagem da solidariedade, da disciplina social e da responsabilidade intensificou-se”. Foi essa a abordagem preferida, logo de início, por exemplo, pela Chanceler alemã, Angela Merkel e pelas Primeiras-Ministras neozelandesa e norueguesa, Jacinda Ardern e Erna Solberg. De uma certa forma, como argumentam Johnson e Williams (2020, p. 2), o SARS-CoV-2 ofereceu uma oportunidade rara para as líderes “exibirem formas de feminilidade protetora”, mas pode ter contribuído, por isso mesmo, para reforçar conceções estereotipadas do género. Por outras palavras, essas mulheres surgem, no exercício das suas funções, como mães, cuidadoras, enfim, mãos que embalam berços, e é de perguntar se não terá sido essa conformidade a atributos essenciais da feminilidade normativa a granjear-lhes não mais do que um sexismo benevolente.

Também nos setores da saúde e dos cuidados formais prolongados, altamente feminizados, a segregação horizontal é acompanhada por uma segregação vertical: as mulheres concentram-se, sobretudo, nos níveis mais baixos da estrutura ocupacional

e estão sub-representadas nas posições de topo (OECD, 2020: 3; U.N. Women, 2020) e, portanto, mais expostas ao risco de contágio. Com efeito, em abril de 2020, do total de profissionais de saúde infetados/as, 68%, em Itália, 72%, na Alemanha, 73%, nos EUA, e 75%, em Espanha, eram mulheres (Global Health 5050, 2020a). Os dados não estão disponíveis para Portugal, mas, considerando que, a 19 de junho, dos 3.681 profissionais de saúde infetados/as, a esmagadora maioria se situava também nos níveis mais baixos da estrutura ocupacional⁷, é legítimo supor idêntica sobre representação das mulheres (Direção-Geral da Saúde, 2020a). Os soldados rasos desta “guerra”, os seus “heróis”, são, afinal, “heroínas”.

Se olharmos para os números do SARS-CoV-2 desagregados por sexo, nos casos em que a informação está disponível, não é ainda possível retirar conclusões claras. Nalguns países e continentes, as mulheres apresentam taxas de infeção e/ou letalidade superiores às dos homens. Noutros, ocorre o inverso. Globalmente, o *ratio* de infeção por sexo (masculino/feminino) era, em 18 de abril, de 1,03 (World Health Organization, 2020); em Portugal, era de 1,3 (Global Health 5050, 2020b). Em 12 de julho, as mulheres portuguesas representavam 55,8% do total de casos confirmados de infeção, mas apresentavam uma taxa de letalidade inferior à dos homens - 3,2% contra 4,04%, respetivamente (Direção-Geral da Saúde, 2020b).

Também neste caso, será necessário esperar para determinar exatamente quais os impactes do género a esses níveis, sobretudo considerando os efeitos de interação do SARS-CoV-2 com a idade, a presença de patologias prévias, a etnia, as condições materiais de vida e de acesso a cuidados de saúde, entre outras variáveis. E haverá, ainda, que conhecer as consequências, nos/as sobreviventes, da recessão económica que, inevitavelmente, se seguirá.

ALGUMAS NOTAS FINAIS

Esta reflexão não parte da ignorância de que o SARS-CoV-2 afetou e continuará a afetar também os homens ou que estes não estejam também sujeitos aos efeitos da

⁷ Concretamente, no total de profissionais infetados, contavam-se 516 médicos, 1.180 enfermeiros, 1.082 assistentes operacionais, 166 assistentes técnicos, 113 técnicos superiores de diagnóstico e terapêutica e 620 profissionais de grupos diversos.

ordem de género. O enfoque no caso específico das mulheres foi, todavia, intencional porque as mulheres continuam a ser, em todo o mundo, não só uma minoria, mas também as mais pobres de entre os pobres. É, por isso, o resultado de uma preocupação interessada que encara as desigualdades de género como termómetro da nossa capacidade coletiva de garantir a efetivação de direitos humanos universais. No início da pandemia, sucederam-se discursos promissores que retratavam o SARS-CoV-2 como uma oportunidade de regeneração coletiva da Humanidade, um ineludível ponto de inflexão. Passada a emotividade superficial alimentada por gritos de guerra e sinfonias improvisadas em sacadas, chega paulatinamente o tempo longo de lidar com os destroços. Será o tempo de ver se as profecias se cumprem. Silenciosamente, por todo o lado, as mulheres continuarão a ser chamadas a embalar o berço. Veremos se passarão também a participar mais na governação do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alon, T. M., Doepke, M., Olmstead-Rumsey, J., & Tertilt, M. (2020). The impact of COVID-19 on gender equality. *Working Paper Series*, (26947), 1-40. Consultado em: <https://www.ipr.northwestern.edu/documents/working-papers/2020/wp-20-13.pdf>.

Antunes, R., Frontini, R., Amaro, N., Salvador, R., Matos, R., Morouço, P., & Rebelo-Gonçalves, R. (2020). Exploring Lifestyle Habits, Physical Activity, Anxiety and Basic Psychological Needs in a Sample of Portuguese Adults during COVID-19. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17 (12), 4360. Consultado em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/12/4360>.

Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (2020, abril 24), Posição pública da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM) face aos impactos da pandemia por COVID-19 [em linha]. Consultado em: <http://noticias.uc.pt/wp-content/uploads/2020/04/APEM-Posic%CC%A7a%CC%83o-COVID-19-24-de-abril.pdf>.

Bessa Ribeiro, F., Leite, I., & Felizes, J. (2020). Um objeto complexo e fugidivo? Uma introdução crítica ao desenvolvimento. *Configurações*, 25 (1), 9-24. Consultado em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.8126>

Bhagat, V. (2020). Women Authorship of Scholarly Publications on COVID-19: Leadership analysis. *Feminist Research*, 4 (1), 6-17.

Carlson, D. L., Petts, R., & Pepin, J. (2020). *US Couples' Divisions of Housework and Childcare During COVID-19 Pandemic*. Consultado em: <https://osf.io/preprints/socarxiv/jy8fn/>.

Connolly, C. (2020). War and the Coronavirus pandemic. *Third World Approaches to International Law Review*, 2020 (1), 1-7. Consultado em: <https://twailr.com/war-and-the-coronavirus-pandemic/>.

Direção-Geral da Saúde (2020a, julho 13). Mais de 3.000 profissionais de saúde recuperados da COVID-19 [em linha]. Consultado em: <https://COVID19.min-saude.pt/mais-de-3-000-profissionais-de-saude-recuperados-da-COVID-19/>.

Direção-Geral da Saúde (2020b, julho 12). Novo Coronavírus COVID-19: Relatório de Situação [em linha]. Consultado em: https://COVID19.min-saude.pt/wp-content/uploads/2020/07/132_DGS_boletim_20200712.pdf.

Dubar, C. (2000). *La crise des identités: L'interprétation d'une mutation*. Paris: P.U.F.

Giddens, A. (1997). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta.

Global Health 5050 (2020a, julho 13). COVID-19 and healthcare workers: Tracking the sex-breakdown of infections among healthcare workers [em linha]. Consultado em: <https://globalhealth5050.org/COVID19/healthcare-workers/>.

Global Health 5050 (2020b). COVID-19 sex-disaggregated data tracker: Tracking differences in COVID-19 illness and death among women and men [em linha]. Consultado em: <https://globalhealth5050.org/COVID19/sex-disaggregated-data-tracker/>.

Goldstein, J. H. (1976). Theoretical notes on humor. *Journal of Communication*, 26 (3), 104-112.

Human Rights Watch (2020, abril 14). COVID-19: A human rights checklist [em linha]. Consultado em: <https://www.hrw.org/news/2020/04/14/COVID-19-human-rights-checklist>.

Hutchings, K. (2008). Making sense of masculinity and war. *Men and Masculinities*, 10 (4), 389-404. Consultado em: <https://doi.org/10.1177/1097184X07306740>.

Instituto Nacional de Estatística (2020, julho 1), Estimativas Mensais de Emprego e Desemprego: Maio de 2020 [em linha]. Consultado em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=415271451&DESTAQUESmodo=2.

Johnson, C., & Williams, B. (2020) Gender and Political Leadership in a Time of COVID. *Politics & Gender*, 1-12. Consultado em: <https://doi.org/10.1017/S1743923X2000029X>.

Malisch, J. L., Harris, B. N., Sherrer, S. M., Lewis, K. A., Shepherd, S. L., McCarthy, P. C., ... & Ramalingam, L. (2020). Opinion: In the wake of COVID-19, academia needs new solutions to ensure gender equity. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 117 (27), 15378-15381. Consultado em: <https://www.pnas.org/content/pnas/117/27/15378.full.pdf>.

Martinez-Brawley, E., & Gualda, E. (2020). Transnational social implications of the use of the “war metaphor” concerning Coronavirus: A birds’ eye view. *Culture e Studi del Sociale*, 5 (1, Special), 259-272.

Mayo, P. (2020). The Corona challenge to Higher Education. *Culture e Studi del Sociale*, 5 (1, Special), 371-376.

Meyer, J. C. (2000). Humor as a double-edged sword: Four functions of humor in communication. *Communication theory*, 10 (3), 310-331. Consultado em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2000.tb00194.x>.

Nico, M. (2020). Ordinary lives, extraordinary times? The terrible opportunity for sociological inquietude. *European Sociologist* (Pandemic (Im)Possibilities), 1 (45). Consultado em: <https://www.europeansociologist.org/issue-45-pandemic-impossibilities-vol-1/ordinary-lives-extraordinary-times-terrible-opportunity>.

OECD (2020, abril 1). Women at the core of the fight against COVID-19 crisis [em linha]. Consultado em: <http://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/women-at-the-core-of-the-fight-against-COVID-19-crisis-553a8269/>.

Pais, J. M. (1993). Nas rotas do quotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 37, 105-115.

Parkhill, K. A., Henwood, K. L., Pidgeon, N. F., & Simmons, P. (2011). Laughing it off? Humour, affect and emotion work in communities living with nuclear risk 1. *The British Journal of Sociology*, 62 (2), 324-346.

Pereira, A. C. (2020, maio 1), Agressores “mais constrangidos”, menos queixas e menos mortes por violência, *Jornal Público* [em linha]. Consultado em: <https://www.publico.pt/2020/05/01/sociedade/noticia/agressores-constrangidos-menos-queixas-menos-mortes-violencia-domestica-1914665>.

Perista, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes, M., & Perista, P. (2016). *Os usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos para a Intervenção Social (CESIS)/Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE). Consultado em: http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/INUT_livro_digital.pdf.

Petriglieri, G. (2020). Your people need care, not a battle cry. *MIT Sloan Management Review*, 61 (4), 88-89. Consultado em: <https://search.proquest.com/docview/2414424224?accountid=39260>.

Pimenta, P. (2020a, maio 14). COVID-19. Mais mulheres que homens em assistência à família, *layoff* ou sem actividade, *Jornal Público* [em linha]. Consultado em: <https://www.publico.pt/2020/05/14/sociedade/noticia/COVID19-mulheres-homens-assistencia-familia-layoff-actividade-1916557>.

Pimenta, P. (2020b, junho 16). COVID-19. Pandemia agudizou situações de violência doméstica já existentes, *Jornal Público* [em linha]. Consultado em: <https://www.publico.pt/2020/06/16/sociedade/noticia/COVID19-pandemia-agudizou-situacoes-violencia-domestica-ja-existent-1920817>.

Pinho-Gomes, A. C., Peters, S., Thompson, K., Hockham, C., Ripullone, K., Woodward, M., & Carcel, C. (2020). Where are the women? Gender inequalities in COVID-19 research authorship. *BMJ Global Health*, 5 (7), 1-4. Consultado em: <http://dx.doi.org/10.1136/bmjgh-2020-002922>.

Presidência da República Portuguesa (2020, março 18). Mensagem do Presidente da República ao País sobre a declaração do estado de emergência [em linha]. Consultado em: <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=176060>.

Reis, R. F. (dir.) (2020), *COVID-19 e os Portugueses: A vida em tempo de quarentena* [em linha]. Consultado em: <https://www.clsbe.lisboa.ucp.pt/pt-pt/knowledge-digital-series-COVID-19-and-the-portuguese>.

Schütz, A. (1964). *Collected papers: Studies in social theory*. The Hague: Martinus Nijhoff.

Silva, P. A., Carmo, R. M., Cantante, F., Cruz, C., Estêvão, P., Manso, L., & Pereira, T. S. (2020). Trabalho e desigualdades no Grande Confinamento: Perdas de rendimento e transição para o teletrabalho. *Estudos CoLABOR*, (2). Consultado em: https://www.iscte-iul.pt/assets/files/2020/04/18/1587201391664_Estudos_CoLABOR_2.pdf.

Speier, S. (1998). Wit and politics: An essay on power and laughter. *The American Journal of Sociology*, 103 (5), 1352-1401.

Statista (2020, julho 2), Number of countries where the highest position of executive power was held by a woman, in each year from 1960 to 2020 [em linha]. Consultado em: <https://www.statista.com/statistics/1058345/countries-with-women-highest-position-executive-power-since-1960/>.

Stefani, C. (2020). Humor during pandemic in Romania on Facebook. *Culture e Studi del Sociale*, 5 (1), 323-334.

Strauss, A. L. (2002). *Mirrors and masks: The search for identity*. New Brunswick: Transaction Publishers.

U. N. Women (2020, abril 9). Policy brief: The impact of COVID-19 on women. New York (NY): United Nations. Consultado em: <https://www2.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/policy-brief-the-impact-of-COVID-19-on-women-en.pdf?la=en&vs=1406>.

Valero, S. D., & Tinonin, C. (2020, maio 8). *COVID-19 may be prompting men to help out at home, evidence from the Maldives suggests* [em linha]. Consultado em: <https://data.unwomen.org/features/COVID-19-may-be-prompting-men-help-out-home-evidence-maldives-suggests>.

Varma, S. (2020). A pandemic is not a war: COVID-19 urgent anthropological reflections. *Social Anthropology*, Consultado em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1469-8676.12879>.

Wagener, A. (2020). Crushed by the wheels of industry: War, heroes, and domestic recolonization in the time of COVID-19. *Postdigital Science and Education*, 1, 1-5.

World Health Organization (2020), Coronavirus disease 2019 (COVID-19) Situation Report - 89 [em linha]. Consultado em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200418-sitrep-89-COVID-19.pdf?sfvrsn=3643dd38_2.

World Health Organization, Department of Reproductive Health and Research, London School of Hygiene and Tropical Medicine, South African Medical Research Council (2013). *Global and regional estimates of violence against women: Prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence* [em linha]. Consultado em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85239/9789241564625_eng.pdf;sequence=1.

Zhou, M., Hertog, E., Korpashnikova, K., & Kan, M. Y. (2020). *Gender inequalities: Changes in income, time use and well-being before and during the UK COVID-19 lockdown* [em linha]. Consultado em: <https://osf.io/preprints/socarxiv/u8ytc/>.